



A INTERAÇÃO COMUNICATIVA NA LENDA DO CABEÇA DE CUIA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA ECOLINGUÍSTICA¹

Naziozênio Antonio Lacerda – zenolacerda@gmail.com

Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, Piauí, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-5910-0725>

RESUMO: A interação comunicativa é o ponto central da língua e ocorre no interior do ecossistema linguístico. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a interação comunicativa no ecossistema linguístico da lenda do cabeça de cuia. Para fundamentação da pesquisa, busca-se embasamento teórico nos estudos de Couto (2007, 2013, 2015 e 2016) e em Couto e Couto (2019) sobre ecolinguística e seu ramo denominado linguística ecossistêmica; e nos trabalhos de Magalhães (2011) e Silva (1982) sobre a lenda do cabeça de cuia. Na metodologia da pesquisa, assume-se uma visão holística, parte-se de uma abordagem qualitativa e adota-se a ecometodologia, usando-se o método da focalização. Os resultados revelam que a interação comunicativa ocorre no meio ambiente natural, no meio ambiente mental e no meio ambiente social do ecossistema integral da lenda do cabeça de cuia, sendo mais marcante no meio ambiente mental, com diálogos que levam a interações entre as conexões dos neurônios (P2) e os cérebros/mentes (T2) dos interlocutores. Constata-se que a lenda do cabeça de cuia está associada às transformações que ocorreram na região para a fundação de Teresina, a nova capital do estado do Piauí, marcadas pelas propriedades: inter-relações, adaptação, evolução e integração, identificadas na análise das interações do ecossistema linguístico integral. Conclui-se que a interação comunicativa no ecossistema linguístico da lenda constitui uma comunidade de fala simples, em que as pessoas (p1 e p2) usam a língua portuguesa para a interação pessoa-pessoa, caracterizada pela desarmonia no diálogo entre falantes e ouvintes, gerando uma descomunhão.

PALAVRAS-CHAVE: Ecolinguística; linguística ecossistêmica; interação comunicativa; lenda do cabeça de cuia.

1 INTRODUÇÃO

A interação comunicativa é o ponto central da língua e ocorre no interior do ecossistema linguístico. Dessa forma, o objeto de estudo desta pesquisa é a interação comunicativa que se dá nos meios ambientes natural, mental e social da língua da lenda do cabeça de cuia, em consonância com o holismo da visão ecológica de mundo (VEM).

A lenda do cabeça de cuia é a principal lenda de Teresina e a mais conhecida de todo o estado do Piauí. Pela sua importância, tem sido muito estudada como uma manifestação cultural, notadamente folclórica e artística, que reconhecidamente tem o mérito de valorizar a imaginação criativa de seus autores e a memória da população, resultando em diferentes interpretações.

Dentre as publicações conhecidas sobre a lenda do cabeça de cuia, destacamos dois estudos pela maior profundidade na abordagem da temática: o do escritor Josias Clarence Carneiro da Silva, em

¹ Parte desta pesquisa foi apresentada sob a forma de comunicação oral, com o título de *O rio e o pescador: uma análise do meio ambiente natural da língua na lenda do cabeça de cuia*, no IV Encontro Brasileiro de Ecolinguística (IV EBE), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza-CE-Brasil, no período de 25 a 27 de junho de 2018.

Encanto e terror das águas piauienses, que traz um dos estudos mais completos sobre a lenda, inclusive mostrando a narrativa em duas perspectivas (a tradicional e a contemporânea), além de enumerar grande número de formas artísticas produzidas por diversos autores sobre o mito piauiense (SILVA, 1982); e o da pesquisadora Maria do Socorro Rios Magalhães, em *A lenda do cabeça de cuia: estrutura narrativa e formação do sentido*, que analisa a estrutura da narrativa, tomando por base o modelo antropológico proposto por Lévi Strauss, a fim de desvelar os sentidos subjacentes (MAGALHÃES, 2011).

Do nosso conhecimento, não há estudos sobre a lenda do cabeça de cuia em uma visão para compreensão da narrativa de uma maneira holística, de modo que esta pesquisa vem a preencher uma lacuna quanto à investigação da lenda em referência na perspectiva da ecolinguística.

Partimos das seguintes questões: Como é o ecossistema linguístico na lenda do cabeça de cuia? Por se tratar de uma lenda aquática, envolvendo o espaço geográfico de dois rios, apenas o ecossistema natural da língua se sobressai ou os demais ecossistemas estão inter-relacionados? Como se dão as interações comunicativas no interior de cada meio ambiente da língua?

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a interação comunicativa no ecossistema linguístico da lenda do cabeça de cuia, considerando os meios ambientes natural, mental e social.

Para realização da pesquisa, buscamos fundamentação teórica em Couto (2007, 2013, 2015 e 2016) e em Couto e Couto (2019) sobre ecolinguística e seu ramo denominado linguística ecossistêmica; e em Magalhães (2011) e Silva (1982) sobre a lenda do cabeça de cuia.

Na metodologia desta pesquisa, adotamos uma visão holística e utilizamos a ecometodologia por possibilitar a investigação ecológica da linguagem. Em linhas gerais, a ecometodologia é naturalmente multimetodológica, podendo utilizar diferentes tipos e métodos de pesquisa, inclusive usados por outras ciências, desde que não sejam aleatórios e estabeleçam uma relação de complementação.

Seguimos a abordagem qualitativa de pesquisa, de caráter interpretativista, uma vez que nosso objetivo não é quantificar dados, mas tecer significados/produzir sentidos sobre as inter-relações no ecossistema linguístico da lenda do cabeça de cuia. Nessa abordagem de pesquisa, o ecossistema linguístico deve ser compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Albuquerque (2014, p.32) defende que o ecossistema deve ser tomado “como ponto de partida e ponto de chegada” na pesquisa ecolinguística. Todavia, é evidente que nesse percurso metodológico, o pesquisador poderá fazer delimitações e focar o estudo em determinado ecossistema ou meio ambiente da língua, sem perder a visão do todo. Por isso, usamos o método da focalização. Assim, partimos do ecossistema linguístico, focamos no estudo da interação comunicativa nos meios ambientes natural,

mental e social, mas considerando as inter-relações que ocorrem entre eles, e chegamos ao sistema integral da língua.

No entanto, além de empregar o método da focalização, reconhecemos que também fizemos uso do diálogo entre os métodos de conhecimento dedutivo e indutivo. Utilizamos o método dedutivo porque quando selecionamos o objeto de pesquisa já havíamos realizado estudo sobre a ecolinguística e a linguística ecossistêmica, o que corresponde a uma postura dedutiva (partimos da teoria para o objeto). Por outro lado, como morador da cidade de Teresina, já tínhamos um conhecimento prévio sobre a lenda do cabeça de cuia, caracterizando uma postura indutiva (partimos do objeto para a teoria). Esse procedimento dialógico se enquadra na concepção multilateral da ecometodologia na linguística ecossistêmica.

Para geração dos dados, delimitamos o ecossistema linguístico, que no caso é o da lenda do cabeça de cuia, selecionamos enunciados e analisamos a interação comunicativa nos meios ambientes natural, mental e social, dentro do ecossistema integral da língua.

Estruturamos o nosso artigo em 04 (quatro) seções, começando pela introdução, em cuja parte apresentamos o objetivo geral, os principais autores pesquisados e a metodologia da pesquisa. Na segunda seção, tratamos da fundamentação teórica da pesquisa, abordando a ecolinguística, a linguística ecossistêmica e os ecossistemas linguísticos. Na terceira seção, analisamos e discutimos a interação comunicativa na lenda do cabeça de cuia nos meios ambientes natural, mental e social. E, por último, fizemos as nossas considerações finais.

2 ECOLINGUÍSTICA, LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA E ECOSSISTEMAS LINGUÍSTICOS

Em um primeiro momento, Couto (2007) definiu a ecolinguística como sendo o estudo das relações que ocorrem entre língua e meio ambiente, não necessariamente em uma visão ambientalista, mas procurando focar as relações entre a língua e o meio ambiente em que ela é usada. Depois, com o surgimento da vertente brasileira da ecolinguística, denominada linguística ecossistêmica, a ecolinguística passou a ser definida como o “estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico” (COUTO, 2013, p.279).

Couto (2015) esclarece que a denominação de linguística ecossistêmica se deve ao fato de ela partir da noção de ecossistema. Assim, o conceito central da linguística ecossistêmica é o de ecossistema, mais especificamente o de ecossistema linguístico.

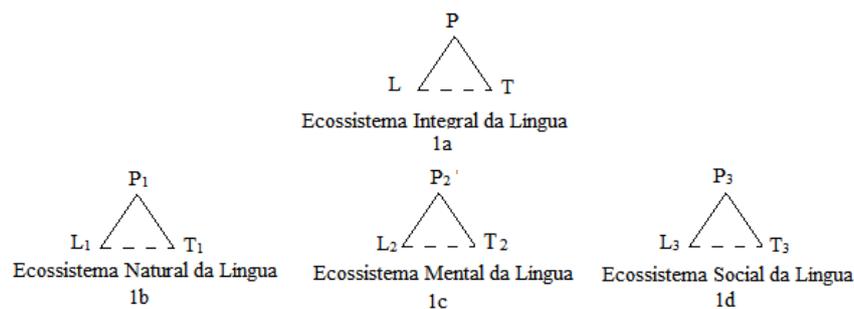
O ecossistema linguístico é composto de uma população ou de um povo (P), vivendo e convivendo em seu território (T) e interagindo com os seus membros e com o meio ambiente através da

língua (L). No interior do ecossistema linguístico, a população (P) e o território (T) constituem o meio ambiente (MA) da língua.

Em cada ecossistema linguístico, a língua deve ser relacionada ao respectivo meio ambiente. Assim, no ecossistema natural da língua, temos o meio ambiente natural da língua; no ecossistema mental da língua, o meio ambiente mental da língua; e no ecossistema social da língua, o meio ambiente social da língua.

Na Figura 1, apresentamos o ecossistema linguístico, mostrando todos os ecossistemas que o compõem. Primeiramente, temos o ecossistema integral da língua (1a), no interior do qual há os outros três ecossistemas: ecossistema natural da língua (1b), ecossistema mental da língua (1c) e ecossistema social da língua (1d). Adotamos a sequência em ordem alfabética (1a, 1b, 1c e 1d) para distinguir um ecossistema do outro.

Figura 1 – Ecossistema linguístico



Fonte: Couto e Couto (2019, p. 42)

Observamos que, na Figura 1, as linhas entre L e P e entre P e T são contínuas, mas a linha entre L e T é segmentada. O uso da linha segmentada entre L e T serve para demonstrar que não há relação direta entre língua (L) e mundo, representado pelo território (T). Essa relação língua (L) e território (T) é sempre mediada pelo povo (P) e devemos levar em conta essa condição em todos os tipos de ecossistema linguístico.

O conceito dos diferentes tipos de ecossistema linguístico, bem como de meio ambiente da língua, é importante para a discussão teórica de nossa pesquisa. Por isso, passamos a discutir sucintamente cada ecossistema linguístico.

2.1 O ECOSSISTEMA INTEGRAL DA LÍNGUA

O ecossistema integral da língua (1a) constitui-se pela integração dos demais ecossistemas linguísticos (natural, mental e social), sendo formado pela língua (L), pelo povo (P) e pelo território (T), conforme mostramos na Figura 1.

No ecossistema integral, a língua não é só natural, apenas mental e nem exclusivamente social. Na verdade, a língua é biopsicossocial, ou seja, contempla todas essas dimensões ao mesmo tempo em uma visão ecossistêmica.

O ecossistema integral da língua corresponde a uma comunidade, que pode ser vista na perspectiva da comunidade de língua (CL) - que é o domínio do sistema, e considerada uma abstração, e da comunidade de fala (CF) - que é concreta e corresponde mais propriamente ao ecossistema linguístico. Por sua vez, a comunidade de fala pode ser classificada de duas maneiras: comunidade de fala simples (pequeno grupo monolíngue e monodialetal) e comunidade de fala complexa (grupo ou região bilíngue, multilíngue ou multidialetal).

2.2 O ECOSSISTEMA NATURAL DA LÍNGUA

O ecossistema natural da língua (1b) é o tipo de ecossistema real em que P e T consistem em entidades físicas, naturais, e L são as relações concretas que se dão entre P e T. Dessa maneira, conforme demonstramos na Figura 1, o ecossistema natural da língua é constituído por um povo (P1), convivendo em determinado lugar ou território (T1) e interagindo por meio de sua língua (L1) própria (COUTO, 2016).

Praticamente tudo na língua tem uma relação, direta ou indiretamente, com esse ecossistema, ou seja, entre L e P e entre L e T, bem como entre L e PT juntos, pois normalmente não concebemos língua sem povo e sem território.

No interior desse ecossistema, a população (P1) e o território (T1), juntos, constituem o meio ambiente natural da língua, que é constituído pelo mundo, mais detalhadamente pelos aspectos físicos do meio, incluindo aqui os membros da população como corpos físicos.

2.3 O ECOSSISTEMA MENTAL DA LÍNGUA

De um modo simples, o ecossistema mental da língua é o tipo de ecossistema que considera a língua como um fenômeno mental, sendo a mente tomada aqui não isoladamente, mas em sua relação com o cérebro, levando em conta o monismo defendido no âmbito da neurociência (DAMÁSIO, 2012).

Esse ecossistema é formado por cada indivíduo da população, em cujo cérebro a língua é formada, armazenada e processada.

Na constituição do ecossistema linguístico mental (1c), a língua (L2) é um acontecimento mental, um conjunto de inter-relações mentais (que podem incluir regras interacionais, regras sistêmicas, vocabulário, etc.); os neurônios ou conexões neuronais do cérebro da população (P2); e o território (T2) é o cérebro e a mente de cada indivíduo da população, que é o suporte, o *locus* dessas conexões (COUTO, 2016). As próprias interações comunicativas são a língua como fenômeno mental (L2).

O ecossistema mental da língua exerce uma condição importante dentro do ecossistema linguístico porque serve de elo ou ponte para estabelecer a ligação entre o ecossistema natural e o ecossistema social da língua.

Dentro do ecossistema mental da língua, temos o meio ambiente mental da língua, que é constituído pelos neurônios (P2) dos indivíduos e pelo cérebro e mente (T2), onde se dão as interações mentais.

2.4 O ECOSISTEMA SOCIAL DA LÍNGUA

O ecossistema social da língua é o tipo de ecossistema que considera a língua um fenômeno social, usada pela população organizada em sociedade.

O ecossistema social da língua (1d) é constituído pela língua (L3) como fenômeno social, pela população (P3) como um conjunto de indivíduos, seres sociais e comunitários (a coletividade), e pelo território (T3) como totalidade dos indivíduos organizados, que é a sociedade, servindo de suporte para a língua como fenômeno social.

Dentro do ecossistema social da língua, destacamos o meio ambiente social da língua, formado pelas interações entre P3 e T3. Reforçamos que P3 é o conjunto dos indivíduos sociais, e T3 é a sociedade, ou seja, “o ‘lugar’ em que se dão as interações dos seres sociais da coletividade, é o ‘território’ social, a totalidade de tudo que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social” (COUTO, 2016, p. 60).

Na seção seguinte, passamos à análise e discussão da interação comunicativa em cada meio ambiente do ecossistema linguístico da lenda do cabeça de cuia, com fundamentação na linguística ecossistêmica, seguindo a perspectiva da ecolinguística.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO DA LENDA DO CABEÇA DE CUIA

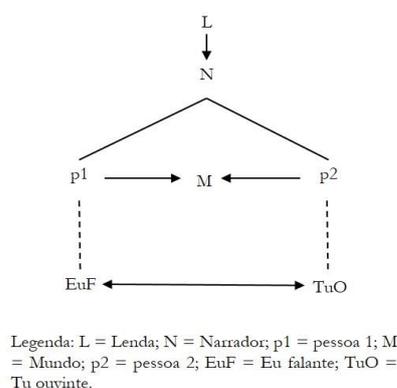
O conceito central de ecossistema linguístico é o de interação, razão pela qual o núcleo da linguística ecossistêmica é o da interação comunicativa. Assim, na ecologia linguística, “a língua são as interações verbais que se dão entre os membros da população ou povo ou entre eles e o mundo ou território [...]” (COUTO, 2016, p. 221). Em outras palavras, a língua é a maneira pela qual as pessoas interagem em sua comunidade.

A interação comunicativa pode ser de três tipos: 1) interação pessoa-pessoa, que se dá prototipicamente entre duas pessoas (p1 e p2) do ecossistema linguístico, formando uma comunidade de fala, e tradicionalmente essa interação tem sido chamada de comunicação; b) interação pessoa-mundo, quando as pessoas se referem ao que está fora da linguagem (como, por exemplo, o assunto), e geralmente essa interação é conhecida como significação, podendo receber outros nomes: denominação, denotação, nomeação, referência, etc.; e 3) interações sistêmicas, que ocorrem no enunciado produzido pelo falante e dirigido ao ouvinte (são interações nos diferentes níveis do sistema linguístico).

Uma vez que a língua é interação, o meio ambiente é o *locus* dessa interação, formado pela população (P), diretamente, e o território (T), indiretamente, via população. Podemos dizer que o meio ambiente da língua é formado por P e T, abrangendo as dimensões do ecossistema linguístico que formam os três meios ambientes da língua: o natural, o mental e o social. Esses três meios ambientes constituem o ecossistema integral da língua, que os contém, integra e inter-relaciona.

A interação comunicativa prototípica na linguística ecossistêmica é que se dá sob a forma de um diálogo, gerando um fluxo interlocucional, em que p1 e p2 se alternam nos turnos de fala, obedecendo às regras interacionais (COUTO, 2015). No caso de uma lenda, temos uma narrativa em que há interação pessoa-pessoa relacionada a uma interação pessoas-mundo, conforme demonstramos na Figura 2.

Figura 2 – Interação comunicativa em uma lenda



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

A lenda é um gênero textual que não se enquadra na situação prototípica da interação comunicativa que ocorre no ecossistema linguístico. Na Figura 2, podemos ver que há uma espécie de terceirização do diálogo, uma vez que é apresentado pelo narrador por meio de um discurso indireto. Nesse tipo de discurso, o narrador conta o que as pessoas (p1 e p2) dizem.

Na visão de Hilgert (2002, p. 89), “todo texto, como enunciado, é produto da enunciação, a qual pressupõe um *eu* enunciator, cuja existência institui um *tu* enunciatário”. Nessa linha de pensamento, qualquer texto tem natureza dialogal, e o falante e o ouvinte serão participantes ativos na construção da interação.

O gênero lenda faz parte do nosso folclore e é uma narrativa fantasiosa sobre fatos reais ou fictícios, históricos ou imaginários, geralmente breve, oral ou escrita, em que o personagem central é assustador, perigoso, guerreiro, santo ou ser sobrenatural que encanta ou amedronta (LACERDA, 2015). Na visão de Dion (2008), a lenda é uma narrativa popular anônima, coletiva, transmitida principalmente de forma oral e que faz parte do conhecimento popular e da cultura informal.

Em se tratando da lenda do cabeça de cuia, Silva (1982) classifica-a como uma lenda aquática, uma vez que tem como cenário as águas e o entorno dos rios Poti e Parnaíba, sendo de ocorrência regional (surgiu no Piauí e depois estendeu-se ao Maranhão).

Ao longo do tempo, a lenda do cabeça de cuia ganhou inúmeras versões, simples ou complexas, em prosa, versos ou textos dialogados, de estudiosos do folclore, contadores de história, poetas, compositores, violeiros, dramaturgos e cineastas. Para o nosso estudo, escolhemos uma versão que se aproxima o máximo possível da forma oral que ainda hoje é transmitida de geração em geração e que está na memória coletiva do povo. Transcrevemos a lenda para a modalidade escrita com a finalidade de termos um objeto material para análise e que se assemelha a uma versão publicada no sugestivo livro *Passarela de marmotas*, da autoria de Ibiapina (1975).

Lenda do cabeça de cuia

1 Antes da fundação de Teresina, a nova capital do Piauí, em uma antiga povoação perto do local em que o
2 rio Poti deságua no Parnaíba, formando o encontro das águas, onde hoje é o bairro Poti Velho, residia um jovem
3 chamado Crispim. Ele não tinha irmãos e seu pai morrera quando o moço era ainda pequeno, de modo que o
4 rapaz, muito cedo, teve de aprender o ofício de pescador para ajudar a sua mãe no sustento do lar.

5 Quando Crispim tinha aproximadamente 18 anos, sua mãe estava velha e cheia de problemas de saúde. A
6 essa altura, a povoação já havia sido elevada à condição de Vila do Poti. Crispim e a mãe moravam em uma casinha
7 muito pobre, onde faltava tudo. O jovem não conseguia arrumar nenhum trabalho e vivia exclusivamente da pesca.
8 Não eram poucos os dias em que ele e a velha passavam fome, o que vinha se repetindo com muita frequência
9 naqueles dias devido às recentes cheias que elevavam o nível dos rios e deixavam a água barrenta, o que dificultava
10 a pescaria, pois os peixes não enxergavam a isca. Crispim vivia preocupado e aborrecido com essa situação.

11 Certa vez, Crispim saiu para mais uma pescaria. Contudo, não conseguiu pescar nada durante a noite
12 inteira e nem até próximo do meio dia. Ao chegar em casa frustrado e com fome, pediu o que comer. Tudo o que
13 sua mãe tinha preparado, na vã tentativa de agradar ao filho quando voltasse, era uma comida à base de um osso
14 de boi, sem carne, para dar gosto à água, que vinha misturada com farinha em forma de pirão. Em um acesso de

15 fúria e revolta, o rapaz pega o tal osso, conhecido como corredor de boi, e, com ele, agride a velha mãe, atingindo-
16 a fatalmente na cabeça.

17 Antes de morrer, no entanto, ela rogou uma praga e amaldiçoou o filho. Disse que ele se transformaria
18 em um monstro, com a cabeça enorme, no formato de uma cuia, e ficaria a vagar encantado no rio, vivendo como
19 peixe no fundo das águas. Falou ainda que ele vagaria dia e noite e só se libertaria da maldição e obteria o perdão
20 após devorar sete virgens de nome Maria, uma a cada sete anos.

21 A velha, então, morre, deixando Crispim desesperado, que, enfim, percebeu o pecado que cometera.
22 Tomado pela culpa e em estado de loucura, Crispim põe-se a correr e a praga que a mãe lhe rogou inicia o seu
23 efeito. Enquanto corre, sua cabeça começa a crescer, ganhando a forma de uma cabaça, ao passo que seus cabelos
24 se transformam em lodo. Lança-se nas águas do rio e se afoga, desaparecendo nas profundezas. Desde então, o
25 monstro tem o corpo em configuração de gente e a cabeça no formato de uma grande cuia. Por isso, recebeu o
26 nome de cabeça de cuia.

27 O cabeça de cuia perambula sem destino das águas do Parnaíba para o Poti e imediações, como uma
28 marmota, principalmente na época de cheias dos rios. Moradores da região contam que o monstro, além de
29 procurar as virgens, tenta matar pessoas afogadas e virar canoas e outras embarcações dos pescadores.

30 As pessoas dizem que o cabeça de cuia continua penando no mundo e nunca conseguiu matar ninguém e
31 nem devorar sequer uma virgem de nome Maria.

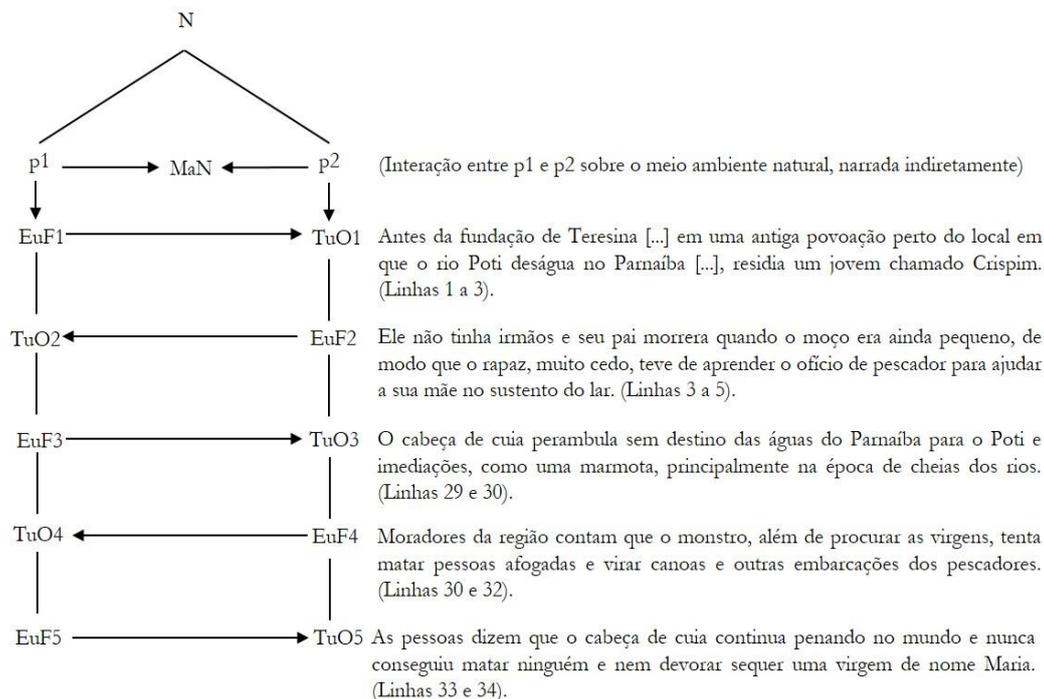
Nas subseções seguintes, passamos à análise e discussão da interação comunicativa em cada meio ambiente (natural, mental e social) do ecossistema linguístico da lenda do cabeça de cuia.

3.1 INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO MEIO AMBIENTE NATURAL DA LENDA DO CABEÇA DE CUIA

No meio ambiente natural da lenda do cabeça de cuia, notamos que a população (P1) é constituída pelos habitantes de uma povoação na barra do Poti, entre os quais faziam parte Crispim (pescador e personagem principal que se transforma no cabeça de cuia), sua mãe e demais moradores da região. O território (T1) da lenda do cabeça de cuia é um espaço geográfico concreto e bem delimitado, com a presença de elementos físicos da natureza, como o encontro das águas dos rios Poti e Parnaíba, na área da antiga morada dos índios Poti. A pequena povoação já existia no século XVIII (mais precisamente desde 1760) e em 1832 foi elevada à categoria de vila, recebendo a denominação de Vila do Poti

A interação comunicativa no meio ambiente natural permeia praticamente toda a extensão do texto, sendo mais visível nos enunciados da parte inicial da lenda (linhas 1 a 5) e depois retomada na parte final (linhas 29 a 34), conforme mostramos na Figura 3 a seguir.

Figura 3 – Enunciados da interação comunicativa no meio ambiente natural



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

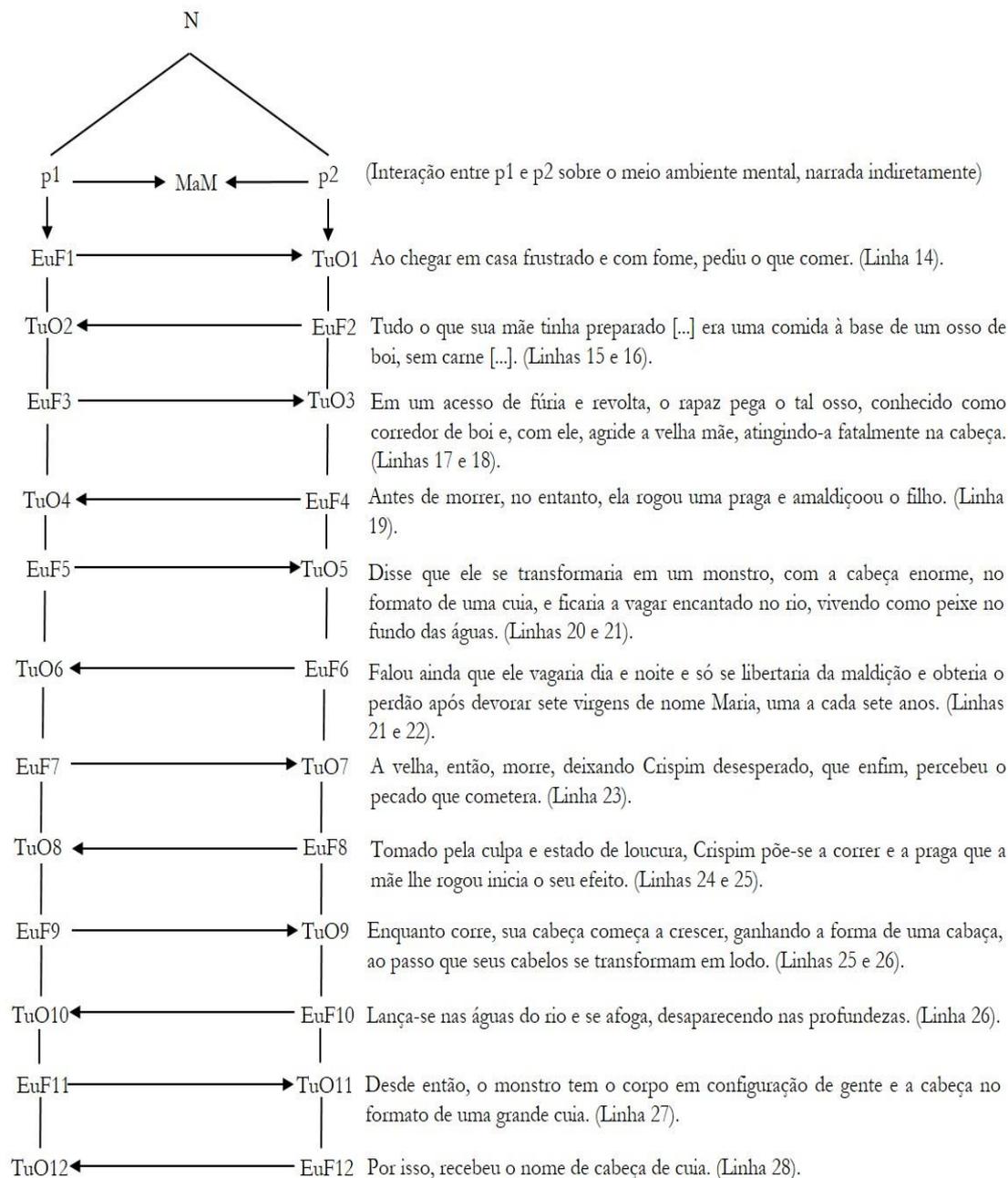
O diálogo entre o EuF e o TuO, mostra o cenário da lenda, como no enunciado: “Antes da fundação de Teresina [...], em uma antiga povoação perto do local em que o rio Poti deságua no Parnaíba [...], onde hoje é o bairro Poti Velho, residia um jovem chamado Crispim” (linhas 1 a 3). Há uma interação entre o povo (P1) e o território (T1), por meio da língua, de modo que as pessoas concretas interagem com os elementos físicos: “Ele não tinha irmãos e seu pai morrera quando o moço era ainda pequeno, de modo que o rapaz, muito cedo, teve de aprender o ofício de pescador para ajudar a sua mãe no sustento do lar” (linhas 3 a 5). Aqui existe uma interação das pessoas com a pescaria como atividade de sobrevivência.

3.2 INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO MEIO AMBIENTE MENTAL DA LENDA DO CABEÇA DE CUIA

O meio ambiente mental da lenda do cabeça de cuia é composto pelos neurônios, que funcionam como os agentes das interações, os interagentes (P2) e pelo cérebro e mente da população que constituem o *locus*, o território (T2) das interações neuronais.

A interação comunicativa no meio ambiente mental ocorre praticamente em quase toda a lenda, sendo mais destacada nos enunciados do meio da narrativa (linhas 14 a 28), em que p1 e p2 interagem por meio do cérebro e da mente, cujos diálogos são mostrados na Figura 4.

Figura 4 – Enunciados da interação comunicativa no meio ambiente mental



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

Um olhar mais aprofundado nos permite constatar que o meio ambiente mental é marcante nos acontecimentos da narrativa e nas interações que ocorrem entre os neurônios e suas conexões (P2) e o cérebro/mente (T2) dos personagens e moradores da região.

Em se considerando que o surgimento da lenda não coincide com o tempo de nossa vivência, precisamos recorrer à nossa memória e às informações históricas para deduzir que a lenda surgiu provavelmente no começo do século XVIII, ou seja, há cerca de trezentos anos. Gomes (2015, p. 1) afirma que: “As primeiras referências documentais que citam a Vila do Poti como lugar ideal para a nova capital são datadas do início do século XVIII”. Retomando a interação comunicativa no meio ambiente natural, a leitura do trecho inicial da lenda também nos dá uma pista da época: “Antes da fundação de Teresina, a nova capital do Piauí, em uma antiga povoação perto do local em que o rio Poti deságua no Parnaíba[...]” (linhas 1 a 3).

A percepção do real faz parte do meio ambiente mental, o indivíduo percebe a realidade por meio dos sentidos, que levam as informações para os neurônios (P2) e para o cérebro/mente (T2), onde são processadas, para uma tomada de decisão. Nos enunciados: “Ao chegar em casa frustrado e com fome, pediu o que comer” (Linha 14) e “Tudo o que sua mãe tinha preparado, na vã tentativa de agradar ao filho quando voltasse, era uma comida à base de um osso de boi, sem carne, para dar gosto à água, que vinha misturada com farinha em forma de pirão” (linhas 15 e 16), há essa percepção da realidade pelos personagens.

O ponto mais chocante da interação comunicativa coincide com o clímax da narrativa, mediante o uso de palavras como “fúria” e “revolta” e a ação do filho matar a mãe acertando uma ossada de boi na cabeça: “Em um acesso de fúria e revolta, o rapaz pega o tal osso, conhecido como corredor de boi, e, com ele, agride a velha mãe, atingindo-a fatalmente na cabeça” (linhas 17 e 18).

Para entendermos a cena do matricídio à luz do meio ambiente mental, precisamos recorrer às descobertas recentes da neurociência. Uma pesquisa realizada na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, comprovou que a irritabilidade e o estresse têm ligação direta com a fome. O tripofano, um aminoácido que possui a função de contribuir para que o organismo humano produza o hormônio da serotonina, é produzido apenas da comida ingerida. De acordo com os resultados da pesquisa, quando estamos com fome o nível de serotonina no organismo baixa, afetando a comunicação entre as regiões cerebrais responsáveis por controlar sentimentos como a raiva (PASSAMONTI *et al.*, 2012).

Na lenda do cabeça de cuia, os personagens estavam passando por dificuldades em conseguir o alimento mais utilizado, que era o peixe, e não tinham condições de adquirir outros gêneros para fazer uma nova dieta. Como vimos na explicação científica, o baixo nível do hormônio serotonina provoca

alterações no cérebro dos indivíduos e causa sentimentos inferiores na mente, como a raiva e o estresse, trazendo em consequência a reação violenta do filho contra mãe.

O léxico é um aspecto importante da interação comunicativa no meio ambiente mental, como o emprego do jogo de palavras “cabeça”/”cua” e “cabeça”/“cabaça”, notadamente nos enunciados: “Disse que ele se transformaria em um monstro, com a cabeça enorme, no formato de uma cuia, e ficaria a vagar encantado no rio, vivendo como peixe no fundo das águas” (linhas 19 a 21) e “Enquanto corre, sua cabeça começa a crescer, ganhando a forma de uma cabaça, ao passo que seus cabelos se transformam em lodo” (linhas 25 e 26). Aqui podemos fazer uma analogia entre o formato arredondado da cabaça e da cuia com a forma da cabeça de Crispim, mais precisamente da caixa craniana que protege o cérebro do personagem.

Para entendimento dessa analogia, precisamos explicar que a cuia é feita da cabaça madura. E a palavra cabaça é a designação popular do fruto da cuieira ou coité, árvore da família das bignoniáceas, muito comum na região amazônica, ou da cabaceira, planta herbácea trepadeira da família das cucurbitáceas (gêneros *Lagenaria* e *Cucurbita*), apresentando diferentes espécies.

No passado, a cabaça foi amplamente utilizada no interior do Brasil para transporte de água, alimentação, artesanato e fabricação de cuias. A cuia, palavra originária do tupi *kuia*, é uma vasilha arredondada, cuja finalidade depende do seu tamanho, de sua forma e dos costumes da população. No sul do Brasil, onde a cabaça recebe a denominação de porango ou poranga, a cuia serve para o uso do chimarrão. No Nordeste, incluindo o Piauí, a cuia foi muito utilizada como utensílio doméstico, principalmente para depósito de água e alimentos.

Como vimos, a cuia é um recipiente, cuja função é conter algo. Tal qual o cérebro/mente (T2), ela precisa de conteúdo para ter serventia; e, como os neurônios e suas sinapses (P2) preenchem o cérebro, a cuia existe para ser preenchida e ganhar funcionalidade. Trazendo isso para a situação de Crispim, verificamos que em seu castigo precisaria carregar uma cuia no lugar da cabeça. Assim como o fruto da cabaceira precisa ser esvaziado dos miolos (polpa e sementes) para depois servir de recipiente a novas substâncias, os neurônios do cérebro de Crispim (P2) precisam realizar novas sinapses, que são as conexões entre os neurônios (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2017) para renovar as informações de seu cérebro/mente (T2).

Com base em explicação da neurociência e levando-se em conta a visão ecossistêmica do meio ambiente mental, entendemos que Crispim necessitava vivenciar o processo de plasticidade cerebral. Em resumo, plasticidade cerebral é a capacidade adaptativa do cérebro para remodelar e transformar suas próprias estruturas e funções para estabelecer novas conexões, levando-se em conta as experiências do sujeito ao longo da vida (DOIDGE, 2016).

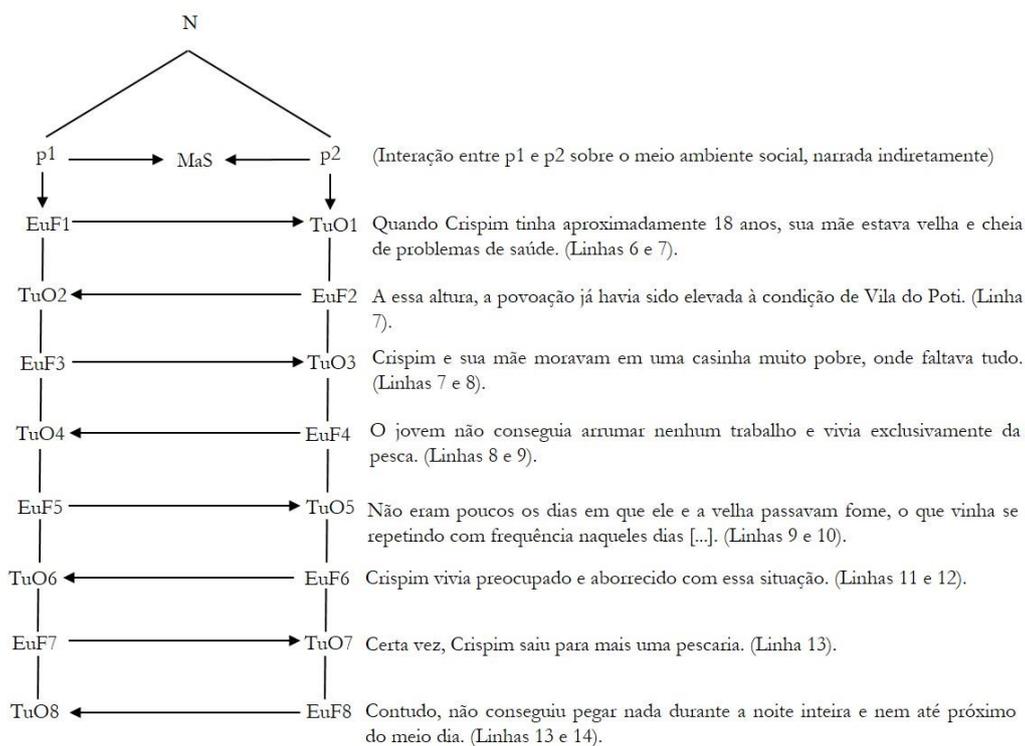
Na lenda do cabeça de cuia, a interação comunicativa no meio ambiente mental cumpre muito bem o papel de fazer a ligação entre as interações comunicativas do meio ambiente natural e do meio ambiente social, pois as reformulações das conexões dos neurônios do cérebro do cabeça de cuia (P2) devem provocar mudanças no cérebro/mente (T2) relacionadas aos fatores ambientais e sociais.

3.3 INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO MEIO AMBIENTE SOCIAL

O meio ambiente social da lenda do cabeça de cuia também se faz presente nas interações entre os indivíduos sociais, no caso Crispim e sua mãe e a comunidade ribeirinha da Vila do Poti (P3) e pela totalidade dos indivíduos organizados, que é a sociedade (T3), incluindo a cultura e as questões sociais, retratando como eram os personagens e suas relações.

A interação comunicativa no meio ambiente social se dá nos enunciados da lenda (principalmente nas linhas 6 a 14) em que p1 e p2 interagem por meio da língua como fenômeno social, conforme apresentamos na Figura 5.

Figura 5 – Enunciados da interação comunicativa no meio ambiente social



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

O uso de expressões, como “Ele não tinha irmãos” (linha 3), “e seu pai morrera quando o moço ainda era pequeno” (linha 4) e “o rapaz, muito cedo, teve de aprender o ofício de pescador para ajudar a

sua mãe no sustento do lar” (linha 5), mostra a organização familiar, composta por Crispim e a mãe, sem a presença do pai. Aliás, a ausência da figura paterna faz com que Crispim assumia desde muito jovem a responsabilidade de ser o provedor da família. A narrativa reflete claramente os papéis do homem (trazer comida para casa) e da mulher (realizar as tarefas domésticas) na sociedade da época.

No diálogo entre o EuF e o TuO, nos enunciados: “Quando Crispim tinha aproximadamente 18 anos, sua mãe estava velha e cheia de problemas de saúde” (linhas 6 e 7); “Crispim e a mãe moravam em uma casinha muito pobre, onde faltava tudo” (linhas 7 e 8); e “O jovem não conseguia arrumar nenhum trabalho e vivia exclusivamente da pesca” (linhas 8 e 9), as expressões “sua mãe estava velha e cheia de problemas de saúde” e “moravam em uma casinha muito pobre, onde faltava tudo” mostram que Crispim e sua mãe formavam uma família de baixa renda e pertenciam a uma classe menos privilegiada, em situação de vulnerabilidade social, enfrentando problemas de moradia e de fome.

Os enunciados “O jovem não conseguia arrumar nenhum trabalho e vivia exclusivamente da pesca” (linha 8 e 9) e “Não eram poucos os dias em que ele e a velha passavam fome, o que vinha se repetindo com muita frequência [...]” (linhas 9 e 10) refletem a pobreza, a dependência da atividade da pesca e a desigualdade social da época, sem nenhuma intervenção do Estado.

3.4 PROPRIEDADES DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO INTEGRAL

O ecossistema linguístico integral da lenda cabeça de cuia é composto pela língua portuguesa falada na comunidade (L) e pelos meios ambientes natural, mental e social, constituídos pelo povo, os neurônios dos indivíduos e o conjunto dos moradores (P); e pelo ambiente físico, os cérebros/mentes dos moradores e a sociedade em que vivem (I).

No que diz respeito à interação comunicativa no ecossistema linguístico integral da lenda do cabeça de cuia, temos uma comunidade de fala simples, em que as pessoas (p1 e p2) usam a língua portuguesa para a interação pessoa-pessoa, marcada pelo diálogo entre um EuF e um TuO, narrado pelo discurso indireto de um narrador, a respeito da interação pessoas-mundo, caracterizada pelo emprego de palavras e expressões linguísticas que fazem referência ao mundo, tais como: “rio”, “peixe”, “pescador”, “osso de boi”, etc.

Na interação comunicativa da lenda do cabeça de cuia, notamos que ocorre a desarmonia, marcada principalmente pelo diálogo entre o EuF e o TuO, como nos enunciados: “Em um acesso de fúria e revolta, o rapaz pega o tal osso, conhecido como corredor de boi, e, com ele, agride a velha mãe, atingindo-a fatalmente na cabeça” (linhas 17 e 18) e “Antes de morrer, no entanto, ela rogou uma praga e amaldiçoou o filho” (linha 19).

Para Couto, E. (2017, p. 54-55), “a interação desarmonica é constituída pelas disputas verbais, brigas, altercações etc. – há pessoas que encaram o diálogo como uma briga, que têm que vencer a qualquer de custo”. Os termos “fúria”, “revolta”, “agride” e “fatalmente” caracterizam a desarmonia.

E essa interação desarmonica gera a descomunhão na interação comunicativa da lenda do cabeça de cuia principalmente entre Crispim e sua mãe e entre o cabeça de cuia (monstro em que Crispim se transformou) e outras pessoas da comunidade.

Em nossa análise do ecossistema integral da língua, identificamos 04 (quatro) propriedades: as inter-relações, a adaptação, a evolução e a integração.

As inter-relações no ecossistema linguístico integral dizem respeito à interdependência entre os diversos meios ambientes que o compõem. Logo no início do enunciado: “O cabeça de cuia perambula sem destino das águas do Parnaíba para o Poti e imediações [...]” (linha 29), identificamos o meio ambiente natural. Em seguida, na parte final do enunciado: “[...] como uma marmota, principalmente na época de cheias dos rios” (linha 30), percebemos o meio ambiente mental, evocando a imaginação das pessoas sobre a aparência e a aparição do cabeça de cuia e também evoca a memória de cada um sobre a época das enchentes dos rios. E depois notamos o meio ambiente social em “Moradores da região contam que o monstro, além de procurar as virgens, tenta matar pessoas afogadas e virar canoas e outras embarcações dos pescadores” (linhas 31 e 32), quando o narrador retoma a memória coletiva do povo em sua atividade econômica (pesca) e relações sociais.

Em se tratando da adaptação, percebemos a alteração do modo de vida como um mecanismo de ajuste à nova realidade. Para Avelar Filho (2017, p. 212), “o conceito ecológico de adaptação é um fator que pode gerar reorganização ou desorganização da estrutura da sociedade/grupo”. No caso em estudo, há necessidade de uma reorganização do grupo para se adaptar às mudanças de vida (do hábito alimentar, da profissão e do ambiente). O enunciado: “Disse que ele se transformaria em um monstro, com a cabeça enorme, no formato de uma cuia, e ficaria a vagar encantado no rio, vivendo como peixe no fundo das águas” (linhas 19 a 21), cuja fala é atribuída à mãe de Crispim pelo narrador, mostra a necessidade de uma adaptação por meio da vivência no meio ambiente natural, nas águas dos rios, onde o cabeça de cuia deveria habitar como um ser híbrido, um homem-peixe. Viver nas águas dos rios seria como um feto em adaptação ao líquido uterino para a Maria virgem (a mãe dele) dar comida ao filho com seu próprio corpo.

A evolução está muito relacionada à adaptação. Por isso, Couto (2016, p. 215) afirma que “adaptar-se é evoluir e evoluir é adaptar-se”. Na lenda do cabeça de cuia, tanto as pessoas quanto a língua precisam adaptar-se para evoluir e sobreviver às mudanças da Vila do Poti para a Nova Vila do Poti, onde se ergueria a nova capital. A palavra “nova”, aqui repetida intencionalmente, sugere a adaptação a novos tempos que chegaram e exigiram a evolução no ambiente, no modo de pensar e na organização social.

Na interação comunicativa do ecossistema linguístico integral, no enunciado: “Falou ainda que ele vagaria dia e noite e só se libertaria da maldição e obteria o perdão após devorar sete virgens de nome Maria, uma a cada sete anos” (linhas 21 e 22), notamos a condição para a evolução: o cabeça de cuia teria que pensar e desenvolver ações para evoluir ao longo do tempo. Pela nossa análise, esse tempo é simbólico e continua indefinidamente, como bem ilustra o enunciado do final da lenda: “As pessoas dizem que o cabeça de cuia continua pensando no mundo e nunca conseguiu matar ninguém e nem devorar sequer uma virgem de nome Maria” (linhas 33 e 34), uma vez que o número 7 (sete) envolve toda uma simbologia presente, por exemplo, na mitologia greco-latina e em várias citações da Bíblia Sagrada.

O verbo devorar significa “comer”, que na linguagem coloquial também é entendido como “transar”, daí as interpretações literais e a nosso ver distorcidas, voltadas para o sentido de o cabeça de cuia cumprir a “missão” de ter relações sexuais com sete mulheres virgens. A esse respeito, Magalhães (2011, p. 159) esclarece que “devorar sete Marias Virgens aponta para o renascimento, ou deixar nascer o novo homem em que se transformará Crispim após um período de aprendizagem para enfrentar novas formas de vida que se impõem”.

Adaptar-se para evoluir e evoluir para integrar-se. A lenda do cabeça de cuia é permeada pela propriedade da integração, abrangendo o meio ambiente natural (a integração geográfica feita pelo encontro do rio Poti com o Parnaíba), o meio ambiente mental (a integração na forma de pensar entre os moradores da Vila do Poti e da Vila Nova do Poti) e o meio ambiente social (a integração entre os moradores da Vila do Poti e da Nova Vila do Poti, e mais tarde entre a população do bairro Poti Velho e da cidade de Teresina).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos enunciados da lenda do cabeça de cuia, observamos que a interação comunicativa ocorre no meio ambiente natural, no meio ambiente mental e no meio ambiente social do ecossistema linguístico integral. Verificamos que a interação comunicativa é mais marcante no meio ambiente mental, com diálogos que levam a interações entre as conexões dos neurônios (P2) e os cérebros/mentes dos falantes e ouvintes (T2).

Constatamos que a lenda do cabeça de cuia está associada às transformações que ocorreram na região para a fundação de Teresina, a nova capital do Piauí. Essa constatação deu-se com base nas inter-relações no meio ambiente natural, mental e social do ecossistema linguístico integral da lenda do cabeça de cuia e mostram a necessidade de uma adaptação do piauiense ao processo de mudança por meio de

novas conexões no cérebro, a fim de alcançar a evolução e tornar-se um novo homem preparado para a integração ao processo de mudança para a cidade de Teresina.

Consideramos que a interação comunicativa no ecossistema linguístico integral da lenda forma uma comunidade de fala simples, em que as pessoas (p1 e p2) usam a língua portuguesa para a interação pessoa-pessoa, caracterizada pela desarmonia no diálogo entre falantes e ouvintes, gerando uma desconjunção.

Por fim, entendemos que este estudo sobre a interação comunicativa na lenda do cabeça de cuia na perspectiva da ecolinguística nos sugere possibilidades de nova pesquisa. Por se tratar de uma lenda mítica, podemos empreender uma investigação sobre a ecologia do imaginário para um maior conhecimento do ecossistema linguístico mental, levando-se em conta a imaginação popular a respeito do mito piauiense.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. B. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

AVELAR FILHO, João Nunes. Saberes e expressões culturais do cerrado goiano vistos pela ecolinguística. In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson Nowogrodzky da; AVELAR FILHO, João Nunes (Orgs.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 205-216.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. Dez anos de ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretções. In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson Nowogrodzky da; AVELAR FILHO, João Nunes (Orgs.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 45-64.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; COUTO, Hildo Honório do. Uma leitura ecolinguística de “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 05, n. 02, p.40-53, 2019.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, Hildo Honório do *et al.* (Orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016. (Coleção Síntese; v. 2). p. 209-261.

DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução Dora Vicente, Georgina Segurado. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DION, Sylvie. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. *Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, n. 6, ago./dez.2008, p. 1-13.

DOIDGE, Norman. *O cérebro que se transforma: como a neurociência pode curar as pessoas* [recurso eletrônico]. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GOMES, Mirian. *De Vila do Poti a Teresina: a mudança da capital do Piauí*. Disponível em: <http://www.capitalteresina.com.br/noticias/teresina-163-anos-urbanizacao-x-hi/de-vila-do-poti-a-teresina-a-mudanca-da-capital-do-piaui-30738.html> Publicado em 18 ago. 2015. Acesso em: 30 nov. 2018.

HILGERT, José Gaston. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFCL-USP, 2002. p. 89-124.

IBIAPINA, João Nonon Moura Fontes. *Passarela de marmotas*. Teresina: COMEPI, 1975.

LACERDA, Naziozênio A. O gênero textual lenda: fantasiando a imaginação de alunos em processo de alfabetização e letramento. In: COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos, 4, 2014, Teresina. *Anais...* [recurso eletrônico]. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 459-471.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A lenda do cabeça de cuia: estrutura narrativa e formação do sentido. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* – v.7, n. 1, p. 151-160, jan./jun. 2011.

PASSAMONTI, Luca *et al.* Effects of acute tryptophan depletion on prefrontal-amygdala connectivity while viewing facial signals of aggression. *Biological psychiatry*, 2012; 71; 36–43.

SILVA, Josias Clarence Carneiro da. *Encanto e terror das águas piauienses*. Teresina: COMEPI, 1982.

Title

The communicative interaction in the legend of “Cabeça de Cuia”: a study in the perspective of Ecolinguistics.

Abstract

The communicative interaction is the central point of the language and occurs within the linguistic ecosystem. Thus, the objective of this research is to analyze the communicative interaction in the linguistic ecosystem of the legend of “Cabeça de Cuia”. To support the research, a theoretical basis is sought in the studies by Couto (2007, 2013, 2015 and 2016) and in Couto and Couto (2019) on ecolinguistics and its branch called ecosystem linguistics; and in the works of Magalhães (2011) and Silva (1982) on the legend of “Cabeça de Cuia”. In the research methodology, a holistic view is assumed, starting from a qualitative approach and adopting ecomethodology, using the focusing method. The results reveal that the communicative interaction occurs in the natural environment, in the mental environment and in the social environment of the integral ecosystem of the legend of “Cabeça de Cuia”, being more remarkable in the mental environment, with dialogues that lead to interactions between the connections of the neurons (P2) and the brains / minds (T2) of the interlocutors. It appears that the legend of “Cabeça de Cuia” is associated with the transformations that took place in the region for the foundation of Teresina, the new capital of the state of Piauí, marked by the properties: interrelations, adaptation, evolution and integration, identified in the analysis of interactions of the integral linguistic ecosystem. It is concluded that the communicative interaction in the linguistic ecosystem of the legend of the “Cabeça de Cuia” constitutes a simple speech community, in which peoples (p1 and p2) use the Portuguese language for person-person interaction, characterized by the disharmony in the dialogue between speakers and listeners, generating discommunication.

Keywords

Ecolinguistics; linguistic ecosystem; communicative interaction; legend of “Cabeça de Cuia”.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 31/03/2020.